

# A CULTURA DE RESISTÊNCIA EM *VIDAS SECAS* DE GRACILIANO

RAMOS

Gabriela da Paz Araújo (UEPB/PPGLI/ CAPES)

gabrielaraújo970@yahoo.com.br

Rosilda Alves Bezerra( Orientadora / UEPB/PPGLI)

rosildaalvesuepb@yahoo.com.br

## Resumo:

Propomo-nos fazer um estudo da narrativa da obra *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, tendo em vista a análise das imagens que (re)criam a realidade dos retirantes nordestinos. As personagens buscam resistir aos obstáculos encontrados em meio a sua caminhada, as ações que praticam são reflexo da dura relação com a natureza e com a sociedade, fazendo-os sentir como objetos (in)úteis, tendo até que economizar o fôlego para tentar resistir contra as condições de (sob)vida a qual estão submetidos.

**Palavras-chave:** Sujeitos, Excluídos, Sociedade.

## Introdução

A literatura está fora do tempo e do espaço, por fazer relação com a atualidade. Nesse sentido, grande parte da literatura brasileira caracteriza-se a partir da cultura de resistência, por apresentar críticas voltadas ao que de alguma forma proibi ou inibi a vida. Objetivamos nesse trabalho analisar a obra *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, tendo em vista o comportamento animalizado das personagens como forma de resistência e sobrevivência em meio à dura seca no Nordeste, que os obriga a permanecerem sempre em retirada, em busca de um lugar onde possam viver.

Nesse sentido, voltamo-nos para a crítica principal da obra que caracteriza-se em responsabilizar a sociedade pela situação dessas personagens marginalizadas, e obrigadas a viver como animais. Quanto à interpretação da obra em análise, observa-se que a cultura de resistência apresentada é caracterizada ecológica por tratar os ambientes do campo e da cidade e, também distributiva por conta da distribuição de renda. Essa obra e autor expressam à realidade do povo brasileiro, com intuito de vê a constituição de uma sociedade plena com homens humanizados, mesmo apresentando personagens com ações de característica animal e animais com características humanas.

A fundamentação teórica se constitui principalmente a partir das ideias de Alfredo Bosi, quando nos apresenta questões acerca da maneira de lidar com a relação entre os excluídos e a escrita, tomando a figura do homem não como um objeto, mas como o oposto: o excluído como sujeito determinante do processo simbólico. Esse sujeito caracteriza-se como um herói problemático, por sempre lutar para mudar a vida, mas não consegue por culpa da realidade, assim como acontece com Fabiano em *Vidas Secas*, obra essa, que pode ser caracterizada como um romance de tensão crítica. Na verdade, a resistência também cresceu junto com a “má positividade” do sistema que não atinge a todos de uma única forma e que despreza o lado pobre da sociedade.

## 1 Destinos incertos em meio a seca devastadora

Graciliano Ramos conheceu a desonestidade das relações sociais. Em 1936, vivenciou a brutalidade da polícia getulista passando quase um ano em celas de presídios e porões de navios. Sua literatura é construída a partir da representação das experiências vivenciadas e conhecidas pelo autor a cerca das relações injustas estabelecidas em sociedade.

Vidas secas foi publicado em 1938, faz parte do projeto literário da geração de 1930, que objetivava a construção artística como meio para mostrar uma sociedade marcada pela exploração e pela opressão. O cenário construído na obra é caracterizado pela caatinga nordestina devastada pela seca. Fabiano e sua família mudam-se com esperanças de encontrar algum lugar onde possam ficar e viver em melhores condições.

O pai, Fabiano, leva uma cuia pendurada ao cinturão, um aió a tiracolo e, uma espingarda de pederneira em seu ombro. Sinhá Vitória, a mãe, leva encaixado a sua cintura o filho mais novo e equilibra em sua cabeça um baú; atrás, seguem o menino mais velho e a esperta cachorra baleia. Os filhos são magros, com pernas e braços finos, Fabiano possui uma imagem apática, com cabelos e barba emaranhados e secos, Sinhá Vitória apresenta joelhos enormes, seios e nádegas flácidos.

O destino é incerto, a fome era tanta, que alimentaram-se de seu próprio papagaio. A esperança renasce como a nuvem que surge acima do monte anunciando o fim da estiagem, no entanto, não promete o renascimento das plantas, nem tão pouco dos animais e dos homens, pois pode dissipar no azul do céu. A família encontra uma fazenda abandonada, Fabiano, descendente de vaqueiros sonha em torna-se dono daquela terra, onde poderá cuidar de animais, da plantação, tornando a caatinga verde e sua família consequentemente ganhará cor e carne.

- Um bicho, Fabiano.

Era. Apossara-se da casa porque não tinha onde cair morto, passara uns dias mastigando raiz de imbu e sementes de mucunã. Viera a trovoadas. E, com ela. O fazendeiro, que o expulsara. Fabiano fizera-se desentendido e oferecera os seus préstimos, resmungando, coçando os cotovelos, sorrindo aflito. O jeito que tinha era ficar. E o patrão aceitara-o, entregara-lhe as marcas de ferro (RAMOS, 2009, p. 19).

A promessa aparente de chuva traz a fazenda seu dono, com intuito de expulsar aqueles que a apropriaram sem autorização, Fabiano ao deparar-se com o dono da terra encolhe-se, lembrando-o de sua existência de bicho. Fabiano que passou a sentir-se enraizado nessa terra, que encontrara abandonada, toma consciência de estar em terra alheia, cuidando de animais alheios, e isso o entristece, pois sua sina era percorrer o mundo e sua estadia nesse lugar era passageira, mas estava a criar amor pelo lugar que a qualquer momento teria que deixar.

Entristeceu. Considerar-se plantado em terra alheia! Engano. A sina dele era correr mundo, andar para cima e para baixo, à toa, como judeu errante. Um vagabundo empurrado pela seca. Achava-se ali de passagem, era hóspede. Sim senhor, hóspede que se demorava demais, tomava amizade à casa, ao curral, ao chiqueiro das cabras, ao juazeiro que os tinha abrigado uma noite (RAMOS, 2009, p. 19).

A seca não se apresenta apenas na natureza, mas também na personalidade do patrão, aproveitava ao máximo que podia de Fabiano, esse que sempre estava a dever e era constantemente enganado quando o assunto eram suas contas, não sabia se defender diante do emaranhado de números mostrado pelo patrão, sabia apenas que estava sendo enganado, mas como se considerava burro, o que apenas lhe restavam, eram a

submissão e a indignação daquela vida, pois “O pai vivera assim, o avô também. E para trás não existia família. Cortar mandacaru, ensebar látegos – aquilo estava no sangue” (RAMOS, 2009, p. 19).

*Vidas secas* recria a realidade, seus personagens são dissolvidos no sistema capitalista, perdendo as características de indivíduos e muitas vezes praticando ações de animais, chegando a considerar-se como um. As crianças têm seus nomes omitidos pelo narrador, tal fato caracteriza-se como desrespeito a um dos direitos básicos, como o da identidade. Nesse sentido, a crítica expressada na obra volta-se ao tratamento recebido pelos indivíduos, que nem são considerados como tal, mas como objetos pelo sistema econômico. Os filhos de Fabiano ao serem anônimos, confirmam as marcas da perda da humanização, não tendo direito a um nome, reforçando a idéia de que assemelham-se a mercadorias. Quanto ao anonimato dos seres na poesia, Alfredo Bosi afirma:

Furtou-se à vontade mitopoética aquele poder originário de nomear, de *com*-preender a natureza e os homens, poder de suplência e união. As almas e os objetos foram assumidos e guiados, no agir do cotidiano, pelos mecanismos do interesse, da produtividade; e o seu valor foi-se medindo quase automaticamente pela posição que ocupam na hierarquia de classe ou de *status* (2000, p. 142 - grifos do autor).

A hierarquia de posse como afirma Bosi mede a posição que as pessoas ocupam na sociedade. Essa diferença proporciona desrespeito e desvalorização humana, assim como ocorre com a família de Fabiano, que vive em um cenário marcado pela penúria e opressão. A arte literária “cresceu junto com a má positividade do sistema” (BOSI, 2000, p.143). Nesse sentido, é evidente que a poética “sobrevive em um meio hostil ou surdo” (BOSI, 2000, p.143), esse meio não constitui de fato o ser da poesia, “mas apenas o seu modo historicamente possível de existir no interior do processo capitalista” (BOSI, 2000, p.143).

## **2 A fazenda: lugar onde os sonhos nascem**

O ser humano desumanizado retratado na obra sofre ao ser apenas um objeto (in)útil da sociedade, que necessita ficar mudo para economizar seu fôlego, como Fabiano, que ao sentir vontade de cantar “A voz saiu-lhe rouca, medonha. Calou-se para não estragar força” (RAMOS, 2009, p. 12), essa tentativa caracteriza-se como meio de resistir a sua condição de vida. A família mal falava, não por serem considerados incapazes de falar e de pensar, mas por usarem o silêncio como forma de resistirem e se pouparem. O vocabulário é escasso, as frases são curtas, frequente são apenas as interjeições e onomatopéias, o silêncio se constitui como uma regra, pois “Ordinariamente a família falava pouco. E depois daquele desastre viviam todos calados, raramente soltavam palavras curtas” (RAMOS, 2009, p. 12).

A “mudança”, como intitulado o primeiro capítulo, se configura na tentativa da busca da família por uma melhoria de vida, embora a paisagem descrita na narrativa não mostrasse condições para isso “A catanga estendia-se, de um vermelho indeciso salpicado de manchas brancas que eram ossadas” (RAMOS, 2009, p. 12). Mesmo não sendo uma paisagem motivadora, a esperança é a propulsora da busca por condições humanas dignas. A família obstinada por encontrar uma vida diferente consegue enfrentar obstáculos que lhes aparecem durante a viagem. Sentimentos diversos são pensados por Fabiano como querer matar o filho, abandoná-lo na estrada, quando já exausto não tinha forças para prosseguir e atrapalhava a caminhada.

- Anda, excomungado.

O pirralho não se mexeu, e Fabiano desejou matá-lo. Tinha o coração grosso, queria responsabilizar alguém pela sua desgraça. A seca aparecia-lhe como um fato necessário – e a obstinação da criança irritava-o. Certamente esse obstáculo miúdo não era culpado, mas dificultava a marcha, e o vaqueiro precisava chegar, não sabia onde (RAMOS, 2009, p. 10).

Tal desejo decorre do sentimento de chegar a um lugar que não sabe qual. A seca é um obstáculo entre o ponto de partida e o ponto de chegada, pois os bons tempos estão diretamente associados aos bons lugares, aos maus tempos por sua vez estão ligados aos maus lugares. Nesse contexto, a seca é determinante, por se caracterizar como tempo e como espaço de infelicidade. A seca desoladora caracteriza a paisagem na qual a família está inserida: caminhos espinhosos, horas de caminhadas as margens de um rio seco, urubus que cercam a família, uma natureza onde tudo é remetido a destruição ocasionando o sentimento de angústia em Fabiano, devido ao desespero gerado pela ideia de que a morte sempre os estava a seguir.

Entre a consciência narradora, que sustém a história, e a matéria narrável, sertaneja, opera um pensamento desencantado que figura o cotidiano do pobre sob o ritmo pendular: da chuva à seca, da folga a carência, do bem estar à depressão, voltando sempre do último estado ao primeiro. (...) Os tempo do lavrador e do vaqueiro são necessariamente mais largos, o que dá à sua angústia ou a sua esperança um andamento subjetivo mais arrastado e capaz de preencher o futuro com vagarosas fantasias (BOSI, 1988, p. 11).

Fabiano constrói sonhos ao chegar à fazenda, a terra aparentemente abandonada dar lugar as fantasias criadas por ele e por Sinhá Vitória, que se afeiçoa da fazenda como se fosse sua: “Esquecera a vida antiga, era como se tivesse nascido depois que chegara à fazenda” (RAMOS, 2009, p. 11). A viagem era desgastante, cheia de acontecimentos negativos, que dificultavam a jornada, dentre eles encontra-se a fome, que os levava ao delírio, Sinhá Vitória buscava refúgio na memória, como forma de fugir da dura realidade na qual se encontrava, assim como no trecho abaixo:

(...) o resto da farinha acabara, não se ouvia um berro de rês perdida na catinga. Sinhá Vitória, queimando o assento no chão, as mãos cruzadas segurando os joelhos ossudos, pensava em acontecimentos antigos que não se relacionavam: festas de casamento, vaquejadas, novenas, tudo numa confusão. Despertara-a um grito áspero, vira de perto a realidade e o papagaio, que andava furioso, com os pés apalhetados, numa atitude ridícula (RAMOS, 2009, p. 11).

A casa simboliza o espaço no qual a família poderá repousar, para assim tomar novamente o fôlego antes de retornarem a busca, pois são retirantes e a terra que estão habitando não os pertence. A fazenda possibilita o desabrochar dos sonhos, pois não é apenas Fabiano que deseja dias melhores, Sinhá Vitória deseja uma cama de lastro de couro como a de Tomás da bolandeira para substituir a cama de varas, que lhe tritura o corpo e impede o descanso; o filho mais novo almejava ser como o pai, chegando a imitá-lo; o filho mais velho quer realizar o desejo de saber, de poder questionar e ser respondido, Fabiano por sua vez busca justiça, reconhecimento e um mundo de abundância que proporcione condições de vidas para os seus. No entanto, a realidade

que vivem é dura os obrigando a esquecerem dos sonhos, mas os mesmos voltam insistentes como um recurso de sobrevivência.

### **3 A tentativa de resistir e a busca pela superação da desumanização**

A família de retirantes é pequena e frágil, compõe-se de dois adultos – marido e mulher –, duas crianças sem nome e uma cadela, não existem vícios, parentes ou compadres. Fabiano é explorado pelo patrão e considera-se inferior “comparando-se aos tipos da cidade, Fabiano reconhecia-se inferior. Por isso desconfiava que os outros mangavam dele” (RAMOS, 2009, p.76), não sabia se defender, como ocorrido com o soldado amarelo, que o espanca e o trancafiava por conta do justo protesto de Fabiano. Tal acontecimento é decorrente do convite aceito por Fabiano para um jogo de cartas, devido a sua ideologia de sempre respeitar as autoridades. O soldado revolta-se ao ser deixado no jogo por Fabiano, que tonto pela água ardente e roubado pelos parceiros de jogo sai sem explicar nada, pois estava temeroso com sua volta para casa, por já ser tarde. Durante a noite que passara na cela, seus pensamentos intercalam entre a submissão e a rebeldia. Seu sentimento é de culpa por não saber se defender explicando o engano, mas estava acostumado com as injustiças que sofria e achava que não é defeito apanhar do governo.

(...) Era bruto, sim senhor, nunca havia aprendido, não sabia explicar-se. Estava preso por isso? Como era? Então mete-se um homem na cadeia porque ele não sabe falar direito? Que mal fazia a brutalidade dele? Vivia trabalhando como um escravo. Desentupia o bebedouro, consertava as cercas, curava os animais – aproveitara um casco de fazenda sem valor. Tudo tinha ordem, podiam ver. Tinha culpa de ser bruto? Quem tinha a culpa? (RAMOS, 2009, p. 35).

A consciência de Fabiano em meio à inconformidade da prisão porta-se da ambigüidade, quando apresenta pensamentos de caráter revoltoso e ao mesmo tempo de conformidade decorrentes do trabalho que executa, sendo explorado e humilhado. Diante da situação, Fabiano assume uma ideologia dos que dominam, mas logo a consciência da exploração volta adquirida por meio da experiência cotidiana da injustiça. Por não saber se defender atribui sua incapacidade ao fato de ser “um burro” (RAMOS, 2009, P.35), de nunca ter estudado. Nesse contexto Marilena Chauí questiona sobre a idéia de inferioridade:

Essa representação é extremamente ambígua, como sempre acontece com as representações dominadas, pois indica consciência de uma exclusão e, ao mesmo tempo, a legitimação da diferença entre os membros da mesma sociedade, como se a representação que o dominante possui de si fosse reproduzida pelo dominado, mas não sem a percepção difusa de que sob a diferença esconde-se, pelo menos, a injustiça (CHAUÍ, 1989, p.49).

É frequente ouvir o dominado referi-se ao rico como aquele que sabe ler, no caso de Fabiano, ele entende que por não ter estudado como o seu Tomás da Boladeira torna a situação ainda mais difícil, pois a única coisa que sabia era “lidar com bichos” (RAMOS, 2009 p. 35), e no problema que estava enfrentando, sua habilidade não lhe era útil.

(...) Se lhe tivessem dado ensino, encontraria meio de entendê-la. (...) Enfim, contanto... Seu Tomás daria informações. Fossem perguntar a

ele. Homem bom, seu Tomás da bolandeira, homem aprendido. Cada qual como Deus o fez. Ele, Fabiano, era aquilo mesmo, um bruto (RAMOS, 2009 p. 35).

Seu Tomás da bolandeira sempre é lembrado pelas personagens, seja por seus estudos, ou pela cama que possuía, objeto de desejo sempre almejado por Sinhá Vitória. No entanto, Fabiano o considera um coitado, questionando-se: “Para que servira tanto livro, tanto jornal? Morrera por causa do estômago doente e das pernas fracas (RAMOS, 2009 p. 25). A educação dos filhos de Fabiano era algo que lhe preocupava, mas para que eles pudessem “falar, perguntar, encher-se de caprichos” (RAMOS, 2009 p. 25), era necessário superar a seca. No entanto, essa superação era algo difícil, já que tudo ao redor da família era seco “E o patrão era seco também, arreliado, exigente e ladrão, espinhoso como um pé de mandacaru” (RAMOS, 2009 p. 24).

Indispensável os meninos entrarem no bom caminho, saberem cortar mandacaru para o gado, consertar cercas, amansar brabos. Precisavam ser duros. Virar tatus. Se não calejassem, teriam o fim de seu Tomás da bolandeira.

Um dia... Sim, quando as secas desaparecessem e tudo andasse direito... (...) Livres daquele perigo, os meninos poderiam falar, perguntar, encher-se de caprichos. Agora tinham obrigação de comportar-se como gente da laia deles (RAMOS, 2009 p. 24-25).

Em meio à dura vida na seca, a forma de sobrevivência encontrada por Fabiano para seus filhos é a do trabalho duro, pois se estabelecer em meio à sociedade tão desigual não era fácil e nem possível, para uma família pobre e esquecida, que solitária encontrava no trabalho e nos sonhos uma forma de resistir às duras condições de sua existência. Logo que os mesmos eram constantemente desrespeitados, tratados e considerados como objetos, que muitas vezes necessitam agir como animais para vencerem as adversidades encontradas em suas existências. Na *Ideologia Alemã*, Marx e Engels tratam dessa temática distinguindo os homens dos animais, por meio de sua consciência e de sua produção material. A seguir podemos observar a afirmação quando:

Pode-se distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião ou por tudo que se queira. Mas eles próprios começam a se diferenciar dos animais tão logo começam a *produzir* seus meios de vida, passo que é condicionado pela sua organização corporal. Produzindo seus meios de vida, os homens produzem, indiretamente, sua própria vida material. (...) Tal como os indivíduos manifestam sua vida, assim são eles. O que eles são coincide, portanto, com *o que* produzem, como com o modo *como* produzem. O que os indivíduos são, portanto, depende das condições materiais de sua produção (1991, p. 27-28 – grifos do autor).

A opressão, a humilhação, a troca das palavras por sons, o anonimato dos meninos, são marcas utilizadas na obra para denunciar a perda da humanização das personagens que ganham valores de mercadoria. (...) Sinhá Vitória estirou o beijo indicando vagamente uma direção e afirmou com alguns sons guturais que estavam perto (RAMOS, 2009, p.10). No trecho a seguir é notável a atitude animalizada praticada por Fabiano:

Fabiano tomou a cuia, desceu a ladeira, encaminhou-se ao rio seco, achou no bebedouro dos animais um pouco de lama. Cavou a areia com as unhas, esperou que a água marejasse e, debruçando-se no chão, bebeu muito. Saciado, caiu de papo para cima, olhando as estrelas que vinham nascendo (...) (RAMOS, 2009, p.14).

Ser bicho para Fabiano era sinônimo de força, de resistência, chegando a orgulha-se de tal característica “– Você é um bicho Fabiano”. Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades (RAMOS, 2009, p.14), dificuldades essas, que o cercavam, mesmo com toda a seca e com seu trabalho duro “ali estava, forte, até gordo, fumando o seu cigarro de palha (RAMOS, 2009, p.19).

Agora Fabiano era vaqueiro, e ninguém o tiraria dali. Aparecera como um bicho, entocara-se como um bicho, mas criara raízes, estava plantado. Olhou as quipás, os mandacarus e os xiquexiques. Era mais forte que tudo isso, era como as catingueiras e as baraúnas. Ele, Sinhá Vitória, os dois filhos e a cachorra Baleia estavam agarrados na terra (RAMOS, 2009, p.19).

Durante a narrativa as personagens são desumanizadas efetuando práticas animais, enquanto a cachorra Baleia apresenta características humanas, seja tomando a frete do grupo durante a caminhada ou a espera da sua vez na hora da alimentação “como não podia ocupar-se daquelas coisas, esperava com paciência a hora de mastigar os ossos. Depois iria dormir (RAMOS, 2009, p.19).

Baleia embora seja um animal, possui representações discursivas relevantes, ganhando ênfase ao apresentar sentimentos e percepções humanas, cabendo também na narrativa sua sacrifício, efetuada por Fabiano ao torna-se uma ameaça para seus filhos, por estar doente. Antes de ser sacrificada, seu pensamento foi tomado pela cólera, sentindo vontade de mordê-lo, mas “Não poderia morder Fabiano: tinha nascido perto dele”( RAMOS, 2009, p.89), e antes de adormecer em um sono profundo pensava que acordaria feliz, como podemos observar no fragmento abaixo:

Balei queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás. E lamperia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças se espojariam com ela, rolariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes (RAMOS, 2009, p.91).

Baleia é construída e interpelada por alegrias e tristezas, vida e morte, enquanto às demais personagens cabe apenas a sobrevivência. Com a chegada do inverno suscita a promessa da sobrevivência, mas a certeza da realização dos sonhos ainda não existe e o destino ainda continua incerto. *Vidas secas* faz uma representação da realidade desumana, carregada de elementos que mostram o menos favorecido esquecido e humilhado pela sociedade. Nesse sentido, Alfredo Bosi (1985, p. 69), afirma que “a Arte não é a cópia da natureza ou dos objetos culturais”, mas uma modalidade de representação transfigurada da realidade para melhor poder expressá-la.

A poesia de existência é refletida no paradoxo humano em relação a limitação do “eu”. A espera pela chuva caracteriza-se como forma principal para a mudança, não apenas da natureza, mas para a resolução dos problemas dos homens plantas e animais. Ao chegar à fazenda, Fabiano sentiu-se enraizado, mas logo voltou a sua consciência que estava que estava por ali só de passagem, e essa era a certeza que tinha, ao fim do período chuvoso e com a ameaça novamente da seca deveriam ir embora “A verdade

parecia-lhe sem jeito, nem acreditava nela. (...) As alpercatas calavam-se na escuridão. Seria necessário largar tudo?(RAMOS, 2009, p. 18-19).

O paraíso possível dos retirantes de *Vidas secas* espera-se nos meses que se seguem às águas com o viço novo do pasto. Mas, vindas irregulares as chuvas, os tempos sazonais ficam díspares: ninguém pode prever exatamente quando começam nem quando acabam. Por isso a expressão verbal desse paraíso, que há de vir um dia, se faz no condicional, modo de dependência no regime do discurso indireto (BOSI, 1988, p. 11).

Como enfatizado por Bosi, a irregularidade das chuvas e o risco da seca, são fatores que determinam a vida das personagens, os obrigando a novamente terem que fugir da seca na esperança de encontrar uma terra desconhecida, que lhes proporcionasse uma vida digna. Sua viagem agora tomava o caminho do Sul, buscavam conhecer a cidade grande, cheia de pessoas fortes, colocariam os filhos na escola para aprenderem coisas difíceis e consideradas necessárias. No entanto, o futuro continuava incerto, tinham medo que quando velhos terminassem inúteis como Baleia. A consciência é que a cidade grande os iria aprisionar e o “Sertão mandaria para a cidade homens fortes, brutos, como Fabiano, Sinhá Vitória e os dois meninos.

### **Considerações finais**

As personagens de *Vidas Secas* persistem na busca por um lugar onde possam viver e conseqüentemente serem consideradas como humanos, que mesmo em meio aos desastres da seca não sucumbem igualmente às plantas. O ciclo da vida e o ciclo da natureza se coincidem na obra, a seca marca a mudança e a fuga das personagens, que almejam alcançar a sobrevivência, necessitando para isso, superar a natureza, que caracteriza-se como um obstáculo para a concretização do desejo do grupo. A condição do homem frente à natureza devastada se estabelece como o grande problema para os retirantes.

### **Referências**

- BOSI, Alfredo. 1936 – Literatura e resistência. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.  
\_\_\_\_\_. 1988. *Céu, inferno: Ensaio de crítica literária e ideologia*. São Paulo: Ática.  
\_\_\_\_\_. 1985. *Reflexões sobre a arte*. São Paulo: Ática, 1985.  
\_\_\_\_\_. 1936. *O ser e o tempo da poesia*. 6ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.  
CHAUÍ, Marilena, *Cultura e democracia*. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 1989.  
MARX, Karl e FRIEDRICH, Engels. 1991. *A ideologia Alemã (I – Feurbach)*. 8º Ed. São Paulo: Hucitec.  
RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. São Paulo: Record, 2009.